

Notas sobre a
“subversão da identidade”:
Em homenagem a Simone de Beauvoir,
nos 50 anos d’ *O Segundo Sexo**

Sandra Azerêdo**

Querendo-se lúcidas, as escritoras prestam o maior serviço à causa da mulher; mas – geralmente sem o perceber – permanecem demasiado apegadas a servir essa causa para adotar perante o universo essa atitude desinteressada que abre os mais vastos horizontes. Acreditam ter feito bastante quando afastam os véus de ilusão e mentiras; entretanto, essa audácia negativa deixa-nos ainda diante de um enigma, pois a própria verdade é ambigüidade, abismo, mistério: depois de lhe ter indicado a presença, seria necessário pensá-la, recriá-la. Não se iludir já é alguma coisa, mas é a partir daí que tudo começa; a mulher esgota sua coragem a dissipar miragens e detém-se assustada no limiar da realidade. (...) Estamos ainda muito preocupadas com ver com clareza para procurar outras trevas além dessa claridade.¹

Mas nem Bernardo, nem os arqueiros, nem mesmo eu, entendemos o que estava falando em sua língua de camponesa. Embora falasse, estava como muda. Há palavras que dão poder, outras que deixam mais desamparados, e dessa espécie são as palavras vulgares dos

* Recebido para publicação em outubro de 1999.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

¹ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 2. A Experiência Viva*. São Paulo, Rio de Janeiro, Difel, 1975, 3ª edição, p.478. (Tradução: Sérgio Millet.)

Notas sobre a “subversão da identidade”

simples, a quem o Senhor não concedeu o saber exprimir-se na língua universal da sabedoria e do poder”.²

No próprio título destas notas já encontramos uma contradição – para homenagear uma mulher feminista temos que usar uma palavra cuja etimologia se liga à palavra homem. Homenagem vem do Latim *hominaticum* (derivado de homo = homem). Além disso, a origem da palavra se associa a uma situação de servidão – homenagem (juntamente com lealdade) era o que o vassalo deveria conceder ao senhor feudal em troca de proteção. Por ocasião das manifestações do 8 de março em Belo Horizonte, denunciou-se o viés masculinista da palavra, tendo sido proposta como alternativa a palavra *mulheragem*.³ Contrariando esta proposta, vou manter o uso de “homenagem”, ainda que a contragosto, pois acredito que seja preciso uma intervenção mais radical do que simplesmente inverter as posições de mulheres e homens para por fim à nossa posição de segundo sexo. É preciso – como nos mostra Judith Butler – pensar em intervenções que signifiquem uma “subversão da identidade”, intervenções que coloquem em cheque a lógica binária que tem fundamentado a posição secundária das mulheres.⁴ Partindo do argumento central de Simone de Beauvoir, “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” – argumento que abre o segundo volume d’*O Segundo Sexo*⁵ – pretendo pensar sobre algumas possibilidades dessas intervenções.

² ECO, Umberto. *O Nome da Rosa*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1983.

³ Ver OLIVEIRA, Fátima. Conflito Milenar. *O Tempo*, Belo Horizonte, 07-03-99, p.9. Segundo a autora, “a palavra homenagem significa deferência aos homens (homem + agem). Deferência às mulheres é mulheragem”.

⁴ BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York, London, Routledge, 1990.

⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos*. São Paulo, Difel, 1970, 4ª edição; e *O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida*. Op.cit.

A idéia original destas notas foi observar a leitura que jovens de hoje fazem d'*O Segundo Sexo* a partir de estudos sobre o conceito de identidade. Um grupo de estudantes do quarto período do Curso de Psicologia da UFMG, leu alguns capítulos do livro na disciplina Psicologia Social II e ficou responsável pela organização de um seminário sobre o tema. Como responsável pela disciplina, tenho adotado uma metodologia de ensino baseada nos conceitos de grupo operativo, de Enrique Pichon-Rivière, e de educação como prática da liberdade, de Paulo Freire.⁶ O grupo que se encontra duas vezes por semana para as aulas comigo é dividido em cinco subgrupos, cada um ficando responsável pela leitura de um texto e organização de um seminário. Todos os textos tratam do conceito de identidade – conceito central na ementa da disciplina – e, ainda que não de forma explícita, discutem a questão da liberdade, isto é, como vamos nos tornando quem somos em situações que colocam em cheque nossa liberdade, seja pelo racismo, pelo sexismo, pela pobreza ou pelo uso da tortura.⁷ No primeiro semestre deste ano decidi, pela primeira vez, propor a leitura d'*O Segundo Sexo* como parte das comemorações dos seus 50 anos. Geralmente os seminários, apresentados no final do curso, têm sido um momento de intensa mobilização de todo o grupo, na medida em que se pode perceber o envolvimento das/os estudantes que participam dos subgrupos com as questões de que tratam os textos, e o

Originalmente publicado como *Le Deuxième Sexe: 1. Les Faits et les Mythes, 2. L'Expérience Vécue*. Paris, Gallimard, 1949.

⁶ Ver FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983, 17ª edição; e PICHON-RIVIÈRE, Enrique. *O Processo Grupal*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

⁷ Os textos lidos pelos outros subgrupos foram COIMBRA, Cecília. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do "Milagre"*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1995; LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2ª edição, 1978; SILVA, Hélio. *Travesti: a invenção do feminino*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, ISER, 1993; e SOUZA, Neusa Santos. *Tomar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

seminário sobre *O Segundo Sexo* não foi uma exceção, mostrando também grande sensibilidade do grupo de estudantes para as questões levantadas por Simone de Beauvoir.

De modo geral, o que mais me chamou atenção na leitura que essas/es jovens fizeram d’*O Segundo Sexo* foi a preocupação de entender como se constituem as diferenças entre ser mulher e ser homem. Iniciaram a apresentação do seminário com uma cena em que dois homens desempenhavam o papel estereotipado do machista, conversando numa mesa de bar sobre “como se deve tratar as mulheres”, depois mostraram cenas de mulheres na fábrica, envolvidas com o movimento operário; de mulheres lidando com sua saúde reprodutiva; de mulheres “emancipadas” que mal têm tempo para a vida de casa que as solicita. Também re-encenaram a famosa queima de sutiãs na praça. Fizeram uma pequena pesquisa de opinião para saberem como mulheres e homens percebem as vantagens e desvantagens de ser de um ou outro sexo, cujos resultados apontaram para as dificuldades relacionadas ao ser mulher. Também se preocuparam em saber se a igualdade entre os sexos traria a perda do “encanto feminino”, questão que é discutida por Beauvoir nas conclusões do livro, ao tratar das previsões pessimistas sobre um futuro de maior igualdade.⁸ De acordo com o grupo, hoje continuamos ainda na “metade do caminho”, como Beauvoir se referiu naquele tempo à

⁸ Sobre esse pessimismo, Beauvoir argumenta que “seguramente certas maneiras de viver a aventura sexual serão perdidas no mundo de amanhã; mas isso não significa que o amor, a felicidade, a poesia, o sonho dele sejam banidos. Atentemos para o fato de que nossa falta de imaginação despovoou sempre o futuro; este não passa de uma abstração para nós; cada um de nós nele deplora surdamente a ausência do que foi; mas a humanidade de amanhã irá vivê-lo em sua carne e em sua liberdade... Entre outras coisas, nada me parece mais contestável do que o *slogan* que vota o mundo novo à uniformidade, logo ao tédio. Não vejo ausência de tédio neste mundo, nem nunca vi que a liberdade criasse a uniformidade. (...) os que tanto falam de ‘igualdade na diferença’ mostrar-se-iam de má-fé em não admitir que possam existir diferenças na igualdade. Por outro lado, são as instituições que criam a monotonia”. BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida*. Op.cit., p.499.

situação das “mulheres privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social”⁹, ou seja, há ainda um longo caminho a ser percorrido para chegarmos a um tempo em que possam existir “diferenças na igualdade”, um futuro de igualdade em que a singularidade das mulheres, assim como a dos homens, não seja suprimida. Na verdade, a situação hoje continua em grande parte conforme a que Beauvoir analisou há 50 anos atrás. Como ela escreve, é que “o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada”.¹⁰ Veremos como essa singularidade continua suprimida no nosso tempo, começando pela própria apresentação do seminário sobre o *Segundo Sexo*. Embora o grupo tenha fechado sua apresentação com a música “Super Homem”, de Gilberto Gil, que propõe outras formas de pensar a identidade de homens e mulheres, houve ainda uma última pergunta de um estudante do grupo que revelava sua preocupação em se apoiar na biologia para explicar nossa constituição de mulheres e homens, com orientação heterossexual. Pode-se dizer que esta preocupação tem sido uma constante quando se trata das relações de gênero. Em minha pesquisa na Delegacia de Mulheres de Belo Horizonte ela ficou especialmente evidente no discurso de uma delegada que argumentou que “homem é homem” e, portanto, as mulheres têm que se adequar a uma determinada definição de mulher – mais cuidadosa com os gestos e com a roupa – ou correrão o risco de serem de alguma forma violentadas por ele. Esta insistência em definir circularmente o homem como sendo homem e a mulher como tendo que ser mulher se adequando à definição do homem – homem é homem e a mulher que se cuide – é precisamente do que trata *O Segundo Sexo*. Tornar-se mulher num mundo definido por e para os homens necessariamente tem implicado em restrição da

⁹ Id., ib., p.451.

¹⁰ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos*. Op.cit., p.9.

Notas sobre a “subversão da identidade”

singularidade – inclusive das mulheres “independentes”, como mostra Beauvoir.

Hoje, sem dúvida, a jovem sai sozinha e pode passear pelas Tulherias; mas já disse quanto a rua lhe é hostil; por toda parte olhos e mãos a vigiam; se vagabundeia irrefletidamente, com o pensamento à solta, se acende um cigarro no terraço de um café, se vai só ao cinema, um incidente desagradável não tarda; é preciso que inspire respeito pela sua aparência, pela sua maneira de vestir-se: essa preocupação prega-a ao solo, encerra-a em si mesma. “As asas encolhem-se”.¹¹

A mim tem incomodado formular o problema buscando apoio na biologia especialmente pelo fato destas questões me parecerem como bloqueando qualquer possibilidade de mudança e tenho reagido a elas de forma irritada, criando polêmicas, que não têm me permitido desenvolver um argumento mais consistente e, o mais grave, tem me impedido de estudar o problema com mais serenidade e clareza.¹² O que me aflige sobretudo é que esse discurso toma o corpo – fragmentado – da mulher como objeto, definindo-a como sexo – útero, ovário, seios, vagina. Esta imagem da mulher como objeto é evidente nas

¹¹ Id. *O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida*. Op.cit., p.480.

¹² Beauvoir já tinha nos alertado para o problema de desvalorização das questões polêmicas. Segundo ela, “Se ‘a questão feminina’ é tão absurda é porque a arrogância masculina fez dela uma ‘querela’ e quando as pessoas querelam não raciocinam bem”. BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos*. Op.cit., p.21. Como veremos, a saída desta situação vai além de vê-la com clareza, sendo preciso mesmo arriscar em “procurar outras trevas além dessa clareza”, como Beauvoir argumenta em nossa epígrafe. É preciso, como argumenta Suely Rolnik, além da tomada de consciência, tomar também o inconsciente, não o inconsciente depósito de recalques, mas sobretudo o inconsciente produtivo da diferença, do novo. Ver seu artigo “Cidadania e alteridade: o psicólogo, o homem da ética e a reinvenção da democracia”. SPINK, Mary Jane. (org.) *A Cidadania em Construção: Uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo, Cortez Editora, 1994.

revistas produzidas para os homens, mas está também nos anúncios de turismo. Um desses anúncios pode ser visto no Aeroporto de Confins, em Belo Horizonte, logo que se desembarca do avião: a figura de uma mulher jovem, loura, nua, de costas, com os seguintes dizeres em baixo: “Os Mais Belos Monumentos de BH Não Estão em Praça Pública”. Trata-se de uma propaganda do New Sagitarius Night Club. O mais curioso foi encontrar este mesmo anúncio numa página do guia turístico de setembro de 1999, com uma mensagem de boas vindas do prefeito na primeira página, cuja capa apresenta o que usualmente se considera um monumento em praça pública, isto é, uma escultura de mulher que se acha no jardim de um dos prédios da Pampulha.¹³ Estas notas têm como objetivo contribuir para pensarmos sobre algumas dessas questões, enfocando a questão da liberdade, que Simone de Beauvoir coloca como fundamentando a perspectiva que adota para estudar a condição de segundo sexo das mulheres. Segundo ela,

Todo sujeito coloca-se concretamente através de projetos como uma transcendência; só alcança sua liberdade pela sua constante superação em vista de outras liberdades; não há outra justificação da existência presente senão sua expansão para um futuro indefinidamente aberto. Cada vez que a transcendência cai na imanência, há degradação da existência “em si”, da liberdade em facticidade; essa queda é uma falha moral, se consentida pelo sujeito.

...Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano uma

¹³ O monumento, naturalmente, está fotografado de frente. Os discursos que tomam a mulher como objeto muitas vezes colocam-na de costas, focalizando a bunda – uma parte do corpo fragmentado da mulher que parece exercer uma enorme atração. Isto pode também estar relacionado à dificuldade de se manter uma interação de igualdade com as mulheres, na qual sejam consideradas interlocutoras, olhando-se nos olhos. Esta relação me foi sugerida por Anaildes Melo.

Notas sobre a “subversão da identidade”

liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro.¹⁴

Beauvoir enfatiza que não se interessa em definir as oportunidades dos indivíduos “em termos de felicidade e sim em termos de liberdade”.¹⁵ Segundo ela, a idéia de felicidade é freqüentemente confundida com a de interesse privado: como saber se a dona de casa é mais feliz que a operária? “Não há nenhuma possibilidade de medir a felicidade de outrem e é sempre fácil declarar feliz a situação que se lhe quer impor”.¹⁶ É preciso entender essa idéia de “imposição” sempre numa relação dinâmica e complicada com a idéia de escolha. Beauvoir esclarece essa complicada relação ao compreender a situação de servidão das mulheres recorrendo à dialética do senhor/escravo, proposta por Hegel. Segundo ela,

A necessidade biológica – desejo sexual e desejo de posteridade – que coloca o macho sob a dependência da fêmea não libertou socialmente a mulher. O senhor e o escravo estão unidos por uma necessidade econômica recíproca que não liberta o escravo. É que, na relação do senhor com o escravo, o primeiro não *põe* a necessidade que tem do outro; ele detém o poder de satisfazer essa necessidade e não a mediatiza; ao contrário, o escravo, na dependência, esperança ou medo, interioriza a necessidade que tem do senhor; a urgência da necessidade, ainda que igual em ambos, sempre favorece o opressor contra o oprimido.¹⁷

¹⁴ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos*. Op.cit., pp.22-23.

¹⁵ Id., ib., p.23.

¹⁶ Id., ib., p.22.

¹⁷ Id., ib., p.14.

Por atribuir essa dimensão de liberdade à conduta das mulheres, Beauvoir opõe sua perspectiva à da psicanálise.¹⁸ Acredito, no entanto, que a psicanálise não esteja alheia à questão da liberdade, e, além disso, é claro que ela se preocupa com a questão da felicidade, ou, pelo menos, com a questão do bem-estar, que tem se tornado cada vez mais importante nesta virada de milênio.¹⁹ É neste sentido que gostaria agora de introduzir um texto de Freud – *O Mal Estar da Civilização*, escrito em 1930²⁰ – que trata justamente da felicidade e da liberdade, associando-as às noções de masculino e feminino. Em seguida, recorro à leitura que Zygmunt Bauman faz deste texto re-situando-o na pós-modernidade.²¹

Numa de nossas aulas desta mesma turma de Psicologia Social II, em que discutíamos o *Mal Estar da Civilização*, uma aluna se perguntou, com um sorriso irônico, como Freud teria escrito este livro hoje. Creio que estávamos discutindo precisamente o argumento de Freud sobre a “disposição bissexual inequívoca” do nosso organismo animal. Em um longo pé de página que termina a parte IV do *Mal Estar*, Freud escreveu:

¹⁸ Id., ib., p.70.

¹⁹ Ver, a esse respeito, SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. Porto, Ed. Afrontamento, 8ª edição, 1996. Certamente, Beauvoir se interessou também pela questão do bem-estar, porém sua análise se fundamentou na noção de liberdade. Em relação à sua oposição à psicanálise, Luce Irigaray acredita que foi uma das razões que impediu que ela e Beauvoir trabalhassem juntas. Segundo Irigaray, “Quando eu lhe mandei *Speculum*, em que escrevi uma inscrição como se fosse para uma irmã mais velha, ela nunca respondeu. Admito que isso me entristeceu”. Ver IRIGARAY, Luce. *Je, tu, nous Toward a Culture of Difference*. New York, London, Routledge, 1993, p.10. (Tradução: Alison Martin.)

²⁰ FREUD, Sigmund. *O Mal Estar da Civilização*. Rio de Janeiro, Imago, 1997. (Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu.)

²¹ ZYGMUNT, Bauman. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998. (Tradução: Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama.)

Notas sobre a “subversão da identidade”

ainda que a anatomia, é verdade, possa indicar características de masculinidade e feminilidade, a psicologia não pode. Para esta, o contraste entre os sexos se desvanece num contraste entre atividade e passividade, no qual identificamos, de forma excessivamente imediata, a atividade com a masculinidade e a passividade com a feminilidade, opinião de modo algum universalmente confirmada no reino animal.²²

A posição de Freud em relação aos conceitos de “feminino” e “masculino” nunca foi muito clara. Nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905)²³, ele escrevera que “uma conotação mais definitiva” para esses conceitos faria “possível afirmar que a libido é invariável e necessariamente de natureza masculina quer ocorra em homens ou mulheres e independentemente se seu objeto é um homem ou uma mulher”.²⁴ Mas numa nota de rodapé incluída em 1915 ele observa que “os conceitos de ‘masculino’ e ‘feminino’, cujos sentidos parecem tão seguros para as pessoas comuns, são dos mais confusos que ocorrem na ciência”.²⁵ Aqui Freud distingue entre os sentidos psicológico, biológico e sociológico desses conceitos. Segundo ele, o primeiro, que associa masculinidade e feminilidade respectivamente com atividade e passividade era “o essencial e o de mais utilidade para a psicanálise”.²⁶ Finalmente, em sua palestra sobre “feminilidade” (1931)²⁷, Freud observou que “o que constitui masculinidade ou feminilidade é uma característica desconhecida que a anatomia

²² FREUD, Sigmund. *O Mal Estar da Civilização*. Op.cit., p.61.

²³ Id. *Three Essays on the Theory of Sexuality*. New York, Basic Books, 1975. (Tradução: James Strachey.)

²⁴ Id., ib., p.85.

²⁵ Id., ib.

²⁶ Id., ib., p.86.

²⁷ Id. Female Sexuality. In: RIEFF, P. (ed.) *Sexuality and the Psychology of Love*. New York, Collier Books, 1963.

não podia explicar”.²⁸ Além disso, Freud argumentou que homens e mulheres demonstravam comportamentos passivos e ativos em sua existência social e que era preciso levar em conta a influência de costumes sociais que forçavam as mulheres para situações passivas. Em sua palestra, Freud teve o cuidado de se referir às mulheres como “estes indivíduos humanos que, por possuírem genitais fêmeos se caracterizam manifesta ou predominantemente como femininas”.²⁹ Passados mais de sessenta anos desde esses escritos de Freud, é publicado o *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres*, elaborado por Cristina Bruschini, Danielle Ardaillon e Sandra Unberhaum, pesquisadoras feministas da Fundação Carlos Chagas, em São Paulo, onde “o feminino” e “o masculino” são definidos como “conceito psicológico de uma essência universal presente tanto nas mulheres como nos homens”, o feminino “tido, porém como fundamental nas mulheres, por ditar as leis que regem os seus relacionamentos sociais, e os seus mundos espiritual e íntimo” e o masculino “tido, porém como fundamental nos homens, por ditar as leis que regem os seus relacionamentos sociais, e os seus mundos espiritual e íntimo”.³⁰ Considero a publicação deste tesouro como uma intervenção feminista, na medida em que procura se livrar do modelo do homem como o ideal e se nega a reforçar os estereótipos associados ao feminino e ao masculino.

Porém, na época de Freud o conceito de gênero não havia ainda sido desenvolvido pela teoria feminista, que, na verdade, começa a ser construída nas universidades com este nome nos anos setenta. Porém, Freud não ignorou as feministas de sua época. Mas se mostrou pessimista quanto às possibilidades de libertação das mulheres, por considerá-la como sendo equivalente às mulheres se igualarem aos homens em termos de direitos e

²⁸ Id., ib., p.101.

²⁹ Id., ib., pp.102-103.

³⁰ BRUSCHINI, Cristina *et alii*. *Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres*. São Paulo, FCC/Ed. 34, 1998.

também em termos de “posição e valor”, ou seja, os homens eram tomados por Freud como parâmetro, como modelo ao qual deveriam se igualar as mulheres. Conforme mostra Nancy Chodorow³¹, Freud argumentava que “a demanda feminista por direitos iguais entre os sexos” não levava longe na compreensão do Complexo de Édipo e que era preciso “não se deixar desviar” das conclusões a que ele chegara sobre o fato das mulheres terem um sentido de justiça menor que os homens pelas “negações das feministas que [estavam] ansiosas para nos forçarem a ver os dois sexos como sendo inteiramente iguais em posição e valor”.³² Assim como criticou as feministas de seu tempo, Freud também criticou a ingenuidade dos comunistas de então por considerar que eles imaginassem que uma vez eliminada a propriedade privada, a humanidade seria mais feliz. Para Freud, haveria “algo da natureza da própria função [da vida sexual] que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos”.³³ Este algo estaria ligado a “uma poderosa quota de agressividade” que, para Freud, faria parte da constituição dos homens.

Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lupus.*³⁴

³¹ CHODOROW, Nancy *The Reproduction of Mothering: Psychoanalysis and the Sociology of Gender*. Berkeley, University of California Press, 1978.

³² Id., ib., p.144.

³³ FREUD, Sigmund. *O Mal Estar da Civilização*. Op.cit., p.61.

³⁴ Id., ib., p.67.

A agressividade constituiria “a base de toda relação de afeto e amor entre as pessoas”.³⁵ Comentei com minha aluna que certamente Freud teria escrito o *Mal-Estar* de forma diferente hoje, e que no próprio texto podemos adivinhar que direção esta escrita teria tomado. Encontro algumas pistas em dois momentos do texto. Primeiro, na discussão que Freud faz sobre “o impulso de liberdade”, que ele associa com a “reivindicação [do homem] à liberdade individual contra a vontade do grupo” e, em segundo lugar, à forma como ele concebe o ego, que “originalmente inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo”.³⁶ Leio essas passagens de Freud como apontando para a liberdade e contradição que nos constituem enquanto humanos e que nos impõem construir nosso próprio mundo, construção que se dá em permanente interação com outros humanos e que começa quando o ego “separa de si mesmo um mundo externo”. Nestas notas, vou me deter na forma como Freud trata a questão da liberdade. Segundo ele,

Não parece que qualquer influência possa induzir o homem a transformar sua natureza na de uma térmita. Indubitavelmente, ele sempre defenderá sua reivindicação à liberdade individual contra a vontade do grupo. Grande parte das lutas da humanidade centralizam-se em torno da tarefa única de encontrar uma acomodação conveniente – isto é, uma acomodação que traga felicidade – entre essa reivindicação do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo, e um dos problemas que incide sobre o destino da humanidade é o de saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável.³⁷

³⁵ Id., ib., p.70.

³⁶ Id., ib., p.14.

³⁷ Id., ib., p.50.

Notas sobre a “subversão da identidade”

O que impede o humano de transformar sua natureza na de uma térmita é justamente a liberdade de se colocar projetos, “expandindo-se para um futuro indefinidamente aberto”, como escreve Beauvoir. Diferentemente da térmita, que já nasce com suas atividades codificadas pelo instinto, o humano tem que inventar seu próprio código.

Bauman considera a “civilização” a que Freud se refere como sendo a modernidade e reformula a tese de Freud, argumentando que

Os mal-estares da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.³⁸

Bauman considera estéril e duvidoso o raciocínio – que Freud usa – sobre “o alegado conflito entre indivíduo e sociedade”, pois, a liberdade individual tornou-se agora “o valor supremo” da sociedade e cabe a esta última “legitimar-se em função do serviço prestado à liberdade individual”.³⁹ Porém, como ele mostra de forma convincente, hoje podemos

compreender, aceitar e admitir que a liberdade individual não pode efetivamente ser atingida por esforços apenas individuais; que, para alguns poderem assegurar e desfrutar disso, algo deve ser feito para assegurar a todos a possibilidade de seu desfrute, e que fazer isso é tarefa em que os indivíduos livres só devem empenhar-se conjuntamente e mediante sua realização comum: mediante *a comunidade política*.⁴⁰

³⁸ ZYGMUNT, Bauman. *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*. Op.cit., pp.8-10.

³⁹ Id., ib., p.254.

⁴⁰ Id., ib., p.255.

Comunidade política no sentido que lhe dá Chantal Mouffe, “cuja condição de possibilidade... é, ao mesmo tempo, a condição de impossibilidade da sua plena realização”.⁴¹ Bauman alerta para a necessidade de não se deixar iludir pelas ilusões do “comunitarismo”, que acabam sufocando a liberdade do indivíduo autônomo. Para a criação desta comunidade política é preciso se guiar, como ele diz,

pelo tríptico princípio de Liberdade, Diferença e Solidariedade, sendo a solidariedade a condição necessária e a contribuição coletiva essencial para o bem-estar da liberdade e diferença. No mundo pós-moderno, os primeiros dois elementos da fórmula tríptica têm muitos aliados abertos ou encobertos, quando nada nas pressões de “desregulamentação” e “privatização” dos crescentes mercados globalizados. Uma coisa que é improvável a condição pós-moderna produzir sob sua responsabilidade – isto é, não sem uma intervenção política – é a solidariedade. Mas sem solidariedade, ...nenhuma liberdade é segura, enquanto as diferenças, e o tipo de “política de identidade” que elas tendem a estimular, ...de um modo geral terminam na internacionalização da opressão.⁴²

Ou seja, solidarizar é preciso, isto é, parafraseando Caetano Veloso, é preciso ser lobas/os do lobo de mulheres e homens⁴³, a que se referiu Freud no *Mal Estar da Civilização*.⁴⁴ E como fica

⁴¹ Id., ib.

⁴² Id., ib., p.256.

⁴³ Ver sua música *Língua*.

⁴⁴ É importante observar que Freud fala apenas em “lobo do homem” no singular ou então em “homens” no plural, ao passo que Bauman já se refere sempre a “homens e mulheres” no plural. Podemos entender sim que Freud pudesse estar usando a expressão “homem civilizado” para se referir à humanidade, ainda que seja preciso lembrar que Freud colocou a mulher (também no singular) como sendo contrária à civilização por esta afastar seu parceiro de si mesma e de sua prole. O importante é nos darmos conta que o sujeito humano a que Freud estava se referindo era o sujeito que tinha emergido

Notas sobre a “subversão da identidade”

hoje a questão da solidariedade entre mulheres? Simone de Beauvoir argumentou que

as mulheres – salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas – não dizem “nós”. (...) Não têm passado, não têm história, nem religião própria; não têm como os proletários, uma solidariedade de trabalho e interesses; não há sequer entre elas essa promiscuidade espacial que faz dos negros dos E.U.A., dos judeus dos guetos, dos operários de Saint-Denis ou das fábricas Renault uma comunidade. (...) Burguesas, são solidárias dos burgueses e não das mulheres proletárias; brancas, dos homens brancos e não das mulheres pretas”.⁴⁵

Escrevendo sobre “tecnologias de gênero” em 1987, Teresa de Lauretis⁴⁶ vê o que ela chama de “espaços gendrados” como relacionados à tentativa de construção deste “Nós” entre as mulheres a partir do movimento feminista que ressurgiu nos anos sessenta. Porém, segundo de Lauretis, por privilegiarem a diferença sexual, estes espaços foram se tornando uma limitação para as próprias intervenções feministas. Para ela, o “potencial

na Idade Moderna – o sujeito cartesiano, centrado, “com certas capacidades humanas fixas e um sentido estável da própria identidade e lugar na ordem das coisas”, como o define Stuart Hall, estudioso da área de *Cultural Studies*, que tem início na década de setenta na Inglaterra. Hall mostra como este sujeito foi finalmente descentrado pelo que ele considera “cinco grandes avanços na teoria social e no pensamento”(34) – o marxismo, o trabalho de Freud sobre o inconsciente, a linguística de Saussure, o trabalho de Foucault, e o feminismo. Assim como Bauman e outros estudiosos da pós-modernidade escrevendo fora do Brasil, Hall já é crítico do uso de “homem” ou “homens” para designar a humanidade. HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2ª ed., 1998. (Tradução: Tomas Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.)

⁴⁵ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 1. Fatos e Mitos*. Op.cit., p.13.

⁴⁶ Ver DE LAURETIS, Teresa. Tecnologias de Gênero. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. (org.) *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

epistemológico radical” do pensamento feminista está justamente numa forma nova de conceber o sujeito social e as relações da subjetividade com a socialidade:

um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos lingüísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido.⁴⁷

Este é para de Lauretis, o que ela chama de “sujeito do feminismo”. Com tal expressão, de Lauretis procura expressar uma compreensão de sujeito fêmeo

não apenas como diferente de Mulher com letra maiúscula, a representação de uma essência inerente a todas as mulheres..., mas também como diferente de mulheres, os seres reais, históricos, e os sujeitos sociais que são definidos pela tecnologia do gênero e efetivamente “engendrados” nas relações sociais. O sujeito do feminismo... é um sujeito cuja definição ou concepção se encontra em andamento, neste e em outros textos críticos feministas... o sujeito do feminismo é uma construção teórica (uma forma de conceituar, de entender, de explicar certos processos e não as mulheres).

O sujeito que de Lauretis vê emergir no feminismo “está ao mesmo tempo dentro e fora da ideologia do gênero, e está consciente disso, dessas duas forças, dessa divisão, dessa dupla visão”.⁴⁸

Esta compreensão do feminismo como se referindo a um sujeito contraditório e multifacetado foi possível graças aos escritos

⁴⁷ I.d, ib., p.208.

⁴⁸ I.d, ib., p.217.

Notas sobre a “subversão da identidade”

das lésbicas e *women of color* nos Estados Unidos, que, na virada dos anos setenta para os oitenta, começaram a questionar gênero como se referindo apenas à diferença sexual, à bipolarização entre feminino e masculino. Sua prática de escrita foi fundamental por colocar em cheque a própria definição de mulher, que até então era equivalente à mulher branca, heterossexual, e, além disso, se apoiava, como vimos acima, no corpo da mulher visto como sendo puramente sexo. Dois acontecimentos na história do movimento de mulheres servem de testemunho simultaneamente do questionamento desta definição por parte de sujeitos que têm um corpo de fêmea, como da dúvida que se coloca sobre o corpo desses sujeitos precisamente por estarem colocando em cheque a definição de mulher. Trinh Minh-ha analisa o primeiro acontecimento em seu livro *Woman, Native, Other*.⁴⁹ Trata-se de Sojourner Truth discursando contra a escravidão e perguntando ironicamente à audiência se não era mulher pelo fato de nunca ter sido ajudada para subir em carruagens, pelo fato de trabalhar na lavoura, etc: *and ai'nt I a woman!* Um homem branco desafia-a a provar que era mulher:

Há alguns entre nós que perguntam se você é ou não é uma mulher. (...) talvez você seja um homem disfarçado de mulher. Para satisfazer nossa curiosidade, por que não mostra seus seios para as mulheres [sic] nesta audiência?⁵⁰

Trinh argumenta que são as definições de “mulher”, “feminilidade”, “identidade feminina”, etc., que produzem a arrogância deste tipo de curiosidade. Segundo ela,

A diferença reduzida à diferença sexual é assim colocada para justificar e ocultar a exploração. O corpo, a diferença mais visível entre homens e mulheres, o único a oferecer

⁴⁹ MINH-HA, Trinh. *Woman, Native, Other: Writing Postcoloniality and Feminism*. Bloomington and Indianapolis, Indiana University Press, 1989.

⁵⁰ I.d, ib., p.100.

uma base segura para quem busca o permanente, a “natureza” e “essência” femininas, permanece dessa forma a base mais segura para ideologias racistas e sexistas.⁵¹

Trinh mostra como Beauvoir, n’ *O Segundo Sexo*, discutiu precisamente os temas da Alteridade e do Corpo Identidade, apontando caminhos para se lutar contra a naturalização da Diferença. O segundo acontecimento, mais recente, é relatado por Butler. Numa palestra no Vassar College perguntaram à Monique Wittig se ela tinha vagina. Como mostra Butler, em sua esclarecedora discussão do trabalho de Wittig, esta, apoiando-se amplamente n’ *O Segundo Sexo*, propõe “uma reorganização radical da descrição de corpos e sexualidade sem o recurso ao sexo”.⁵² Tal reorganização implica substituir a mulher pela lésbica, a única que, segundo Wittig, pode realmente afrontar a definição de mulher por não estar submetida ao sistema de heterossexualidade compulsória. Coerente com esta proposta, Wittig responde à pergunta da audiência afirmando que não tem vagina. Esses dois acontecimentos apontam de maneiras diferentes para a importância do discurso e da escrita como formas de saída da prisão que o corpo tem se tornado para as mulheres ao serem colocadas como sexo. Saída, como veremos, difícil, sobretudo por exigir a coragem de criar o novo, de ir além do “limiar da realidade”, como Beauvoir coloca na epígrafe dessas notas. De Lauretis aponta para a angústia que permeia os debates feministas diante dessa necessidade de “pensar e recriar a verdade” e das divergências e diferenças políticas e pessoais sobre como fazê-lo, mas ela insiste que o feminismo deve manter a ambigüidade de gênero para que possa ter “esperança” de

⁵¹ Id, ib.

⁵² BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Op.cit., p.113.

Notas sobre a “subversão da identidade”

continuar a “desenvolver uma teoria radical e uma prática de transformação sociocultural”.⁵³

Para Butler trata-se não apenas de manter a ambigüidade de gênero, mas de fazer ver a “instabilidade radical” do “Nós” feminista e outras categorias de identidade que supostamente deveriam servir de alicerce à prática política feminista. Segundo ela, as possibilidades culturais que o feminismo deveria abrir têm sido limitadas por sua mobilização como uma política de identidade, que pode ser entendida como tendo sentido na estruturação do feminismo como movimento social, mas sendo necessário não cair nas armadilhas contidas na noção de identidade. É preciso, na verdade, lutar para se conseguir a “subversão da identidade”, que, segundo ela, pode se operar através da localização da problemática da identidade em termos de práticas de significação. Butler não se refere à noção de liberdade e sim à de agência, que ela reformula como sendo uma questão de como a significação e a resignificação se dão no processo de constituição do sujeito. Para Butler,

Na verdade, quando se diz que o sujeito se constituiu, o que se quer dizer é que o sujeito é uma consequência de certos discursos ordenados por regras que ordenam a invocação inteligível da identidade. O sujeito não é determinado pelas regras através das quais ele é gerado porque a significação *não é um ato fundador, mas sim um processo de repetição regulado* que tanto se oculta como faz cumprir suas regras precisamente pela produção de efeitos de substanciação (*substantializing effects*). Em certo sentido, toda significação se dá na órbita da compulsão a

⁵³ DE LAURETIS, Teresa. Tecnologias de Gênero. Op.cit., p.219. “Seguindo Rolnik, prefiro substituir a noção de liberdade pela de esperança, na medida em que, como ela argumenta, “quando se confunde liberdade com esperança, há grandes chances de se permanecer anestesiado à produção de diferença e, com isso, se reduzir a potência criadora da vida”. Id., ib., p.175.

repetir; a agência, então, deve ser localizada na possibilidade de variação dessa repetição.⁵⁴

Também Donna Haraway aponta para a complicada situação da construção do “Nós” feminista e vem insistindo em trabalhar com “identidades fraturadas” especialmente desde a publicação do seu “manifesto para cyborgs”.⁵⁵ Haraway propõe a noção de afinidades e não de identidades para a construção deste “Nós”. O que considero mais importante no trabalho de Haraway é que ela leva à sério a prática de escrita das *women of color* e das lésbicas no sentido de romper com definições congeladas que aprisionam as mulheres. Em um de seus livros mais recentes⁵⁶, ela começa justamente propondo práticas de oposição de leitura e escrita, argumentando – a partir do romance de ficção científica de Marge Pierce, *He, She, and It* – que “a informação não pode ser uma mercadoria”⁵⁷ e que o acesso ao conhecimento faz parte da condição do ser humano. Trata-se de um desafio que tem sido aceito por um número cada vez maior de mulheres, porém, como se podia esperar, as reações a estas práticas têm sido muitas vezes negativas. Para “nós” que estamos aqui no Brasil, o desafio é ainda maior na medida em que ler e escrever não são absolutamente práticas à disposição de todo mundo, e talvez menos ainda das mulheres. Acredito, no entanto, que o caminho deva ser por aí mesmo e nos cabe descobrir formas de

⁵⁴ BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. Op.cit., p.145.

⁵⁵ HARAWAY, Donna. Um manifesto para os cyborgs: ciência e feminismo socialista na década de 80. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa. (org.) *Tendências e Impasses...* Op.cit. Ver também: O Humano numa Paisagem Pós-humanista. *Estudos Feministas*, vol. 1, nº 2, 1993, em que ela faz uma bela leitura do discurso de Sojourner Truth, discutido acima.

⁵⁶ HARAWAY, Donna. *Modest Witness@Second _Millenium. FemaleMan@_Meets_ OncoMouse™: Feminism and Technoscience*. New York, London, Routledge, 1997.

⁵⁷ Id., ib., p.2.

Notas sobre a “subversão da identidade”

democratizar e reinventar essas práticas. No capítulo final d’ *O Segundo Sexo* – “A Mulher Independente” – que trata das dificuldades por que passam as mulheres na expressão de sua singularidade, Beauvoir já apontava para algumas pistas que ajudam a entender a dificuldade de escrita das mulheres. Segundo ela,

O que falta essencialmente à mulher de hoje, para fazer grandes coisas, é o esquecimento de si: para se esquecer é preciso primeiramente que o indivíduo esteja solidamente certo desde logo, de que se encontrou. Recém-chegada ao mundo dos homens, e mal sustentada por eles, a mulher está ainda ocupada com se achar.⁵⁸ (...) parece-lhe que escolher, rasurar, é repudiar uma parte de si; nada quer sacrificar de si porque se compraz no que *é* e ao mesmo tempo porque não espera tornar-se outro. Sua vaidade estéril vem de que ama a si mesma sem ousar construir-se”.⁵⁹ ...não se deve contar com ela para se aventurar por caminhos inéditos. Não porque as mulheres, em suas condutas, em seus sentimentos, careçam de originalidade: algumas há tão singulares que cumpre encerrá-las; no conjunto, muitas delas são mais barrocas, mais excêntricas do que os homens, cujas disciplinas recusam. Mas é em sua vida, sua correspondência, sua conversa que revelam seu gênio estranho; se tentam escrever, sentem-se esmagadas pelo universo da cultura, por ser um universo de homens: não fazem senão balbuciar. Inversamente, a mulher que escolhe raciocinar, exprimir-se segundo as técnicas masculinas, fará questão de abafar sua singularidade de que desconfia; como a estudante, será facilmente aplicada e pedante; imitará a seriedade, o vigor viril. Poderá tornar-se uma excelente teórica, poderá adquirir um sólido talento; mas ter-se-á imposto o repúdio de tudo o que nela havia de “diferente”. Há mulheres loucas e mulheres de talento:

⁵⁸ BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: 2. A Experiência Vivida*. Op.cit., p.471.

⁵⁹ Id., ib., p.475.

nenhuma tem essa loucura no talento, que chamam gênio...⁶⁰ elas não põem o mundo entre parênteses, não lhe fazem perguntas, não lhe denunciam as contradições: levam-no à sério.⁶¹

Este “fazer grandes coisas” se associa à atividade das escritoras da qual Beauvoir nos fala no início destas notas e com quem às vezes me identifico, me agarrando a uma “causa”, me preocupando em ver com clareza nossa situação atual, sem procurar “outras trevas além da claridade”. No entanto, hoje, diferentemente do tempo em que Beauvoir escreveu *O Segundo Sexo*, estamos deixando de lado a ilusão de nos achar para sermos mulheres, entendendo mais e mais que estamos nos tornando; estamos nos permitindo rasurar mais de modo a nos tornarmos outras. E, o que é mais importante, hoje sabemos das nossas diferenças, não mais negamos as diferenças entre nós mulheres, embora seja ainda complicado convivermos com elas. Estamos também aprendendo – a duras penas – as palavras das mulheres “simples”, ou como escreve Gayatri Spivak, das “mulheres subalternas”⁶² – empregadas domésticas, operárias, mulheres do campo, prostitutas pobres – isto é, estamos aprendendo a “falar para (ao invés de ouvir ou falar por)” esses sujeitos que têm estado como mudos.⁶³ Em outras palavras, podemos hoje estar ainda apenas “balbuciando”, mas já não nos sentimos tão esmagadas pelo “universo da cultura por ser um universo de homens”. Não porque este universo seja hoje de todo o mundo – humano e não humano – mas porque já estamos lhe fazendo perguntas e denunciando suas contradições. Algumas vezes já conseguindo até não levá-lo tão à sério.

⁶⁰ Id., ib., pp.476-477.

⁶¹ Id., ib., p.479.

⁶² SPIVAK, Gayatri Can the Subaltern Speak? In: *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana, University of Illinois Press, 1988.

⁶³ Ver AZERÊDO, Sandra. Unlearning Privileges: feminist research action in the prostitution zone of Belo Horizonte. *Dispositio/n* XXI.48, 1999.